



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
*CAMPUS* AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS

FERNANDA DE OLIVEIRA MEDEIROS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM A HORA DA ESTRELA DE  
CLARICE LISPECTOR**

PATU  
2016

FERNANDA DE OLIVEIRA MEDEIROS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM A HORA DA ESTRELA DE  
CLARICE LISPECTOR**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> (Ms.) Maria Gorete Paulo Torres.

PATU  
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas  
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488c Medeiros, Fernanda de Oliveira.  
A construção da identidade feminina em A Hora da estrela de  
Clarice Lispector / Fernanda de Oliveira Medeiros - 2016.  
40 p.

Orientadora: Maria Gorete Paulo Torres.  
Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande  
do Norte, Letras, 2016.

1. Identidade feminina. 2. Clarice Lispector. 3. Macabéa. I. Paulo  
Torres, Maria Gorete , orient. II. Título.

FERNANDA DE OLIVEIRA MEDEIROS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM A HORA DA ESTRELA DE  
CLARICE LISPECTOR**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório  
para obtenção do título de licenciado em Letras.  
Orientador: Prof.<sup>a</sup> (Ms.) Maria Gorete Paulo Torres

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Maria Gorete Paulo Torres  
Orientadora  
DL-CAP-UERN

---

Prof. Ms. Larissa Cristina Viana Lopes  
Examinadora  
DL-CAP-UERN

---

Prof. Ms. Maria da Luz Duarte Leite Silva  
Examinadora

PATU  
2016

*Dedico este trabalho feito com tanto esforço a toda minha família em especial a minha mãe, Maria de Lourdes a qual mesmo não tendo a oportunidade de se alfabetizar incentivou a mim e a meus irmãos a estudar, sempre nos dizendo que o melhor para nós viria do estudo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Esperiei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor. Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo; pôs os meus pés sobre a rocha, firmou os meus passos; E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e o temerão, e confiarão no Senhor (Salmos 40).

Agradeço primeiramente ao Deus de misericórdia, ao único digno de honra e glória que me permitiu ter chegado até aqui, sem ti meu Deus eu nada seria. Agradeço também a toda minha família pelo apoio em especial ao meu esposo Geilson pelo companheirismo e paciência todo esse tempo, sem o seu amor tudo ficaria mais difícil. A todos os irmãos da igreja que dobraram seus joelhos junto comigo em oração por esta causa, sentir o carinho de vocês foi maravilhoso.

*Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.*

***Clarice Lispector***

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo principal compreender como se dar a construção da identidade feminina da personagem Macabéa no livro, A Hora da Estrela de Clarice Lispector. Para realização desta pesquisamos ancoramos nos estudos de Bauman (2005), Hall (2000), dentre outros que discutem sobre a identidade. Ainda, recorreremos a Coutinho (1994) para discutirmos a questão do feminismo. O direcionamento dessa pesquisa é de forma, indutiva e se trata de uma pesquisa qualitativa numa perspectiva descritiva e/ou analítica sendo, portanto uma pesquisa que ainda, se caracteriza como bibliográfica. Portanto, nosso trabalho conclui que durante a narrativa Macabéa vai aos poucos mostrando sua identidade feminina através da afloração de seus desejos se conhecendo como mulher, admitindo a existência de um namorado, sonhando em casar, ter uma família, ser atriz. Acreditamos ainda que autora para construir a personagem precisou de um olhar masculino sobre ela, para transparecer toda essa intimidação, pois estamos falando de uma personagem socialmente marginal, que a todo tempo busca se encontrar e é somente na hora da morte que se liberta de todas as opressões sociais, de todo olhar preconceituoso de uma sociedade medíocre.

**Palavras Chaves:** identidade feminina, Clarice Lispector, Macabéa.

## **ABSTRACT**

This monographic work aims to understand how the main construction of the female identity of Macabéa character of the book *A Hora da Estrela* by Clarice Lispector. For this research we anchored us in studies of Bauman (2005), Hall (2000), among others who argue about the identity. We still Coutinho (1994) to discuss the question of feminism. The direction of this research is inductive form and it is a qualitative research in descriptive and/or being analytical, so a search that still, is characterized as a bibliography. So, our work concludes that during the narrative Macabéa gradually shows his feminine identity through the outcry of his desires getting to know him as a woman, admitting the existence of a boyfriend, dreaming of getting married, having a family, being an actress. We also believe that author to build the character needed a masculine look on her, to show all this intimidation, because we are talking about a socially marginal character, who at all times seeks to find and it is only at the time of death that is released from all The social oppressions, of every biased view of a mediocre society.

Keywords: female identity, Clarice Lispector, Macabéa.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 IDENTIDADE, IDENTIDADE FEMININA E CLARICE LISPECTOR .....</b>	<b>14</b>
2.1 Na busca de uma “definição” para a identidade .....	14
2.2 Identidade feminina: realidade ou mito? .....	17
2.3 Clarice Lispector e a identidade feminina .....	19
2.4 Clarice, suas obras e suas personagens.....	21
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA” .....</b>	<b>23</b>
3.1 O enredo da obra.....	23
3.2 Os personagens .....	25
3.3 Representação da construção feminina em Macabéa .....	27
3.4 As inovações estéticas Clariceana e sua contribuição na construção do sujeito feminino .....	30
3.5 O olhar masculino sobre Macabéa .....	34
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Fazemos parte de um mundo globalizado em constantes mudanças, que se anunciam nos padrões de trabalho, na convivência profissional, social, familiar e pessoal. De fato, estamos passando por um impacto do avanço tecnológico, natural da globalização. Essas mudanças também se anunciam nas formas de trabalho, no convívio familiar e no convívio social, precisando ser compreendidas por todos, uma vez que, como diz Bauman (2005), a modernidade líquida faz com que as pessoas não consigam definir a sua identidade, já que “a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 16).

Assim, o autor mostra-nos a identidade no sentido de acreditar no “eu” e afirmar que, “Quem você ‘é’ só faz sentido se você acreditar que possa ser outra coisa além de você mesmo”. A ainda nos diz que “Só se você tem uma escolha, é só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja ‘real’ e se sustente” (BAUMAN, 2005, P. 25).

Pensando nessa compreensão sobre a construção da identidade, optamos por trabalhar, o construto da identidade feminina na literatura, a partir de textos de Clarice Lispector, mais especificamente escrituras que tratem sobre a construção da identidade feminina na obra “A hora da Estrela”, por ser considerada exatamente, como uma personagens femininas, mais complexa e ao mesmo tempo mais encantadora.

Dessa forma, nosso objetivo é analisar como se dar a construção da identidade feminina na obra já mencionada. Especificamente, queremos investigar na obra representações, nas quais possibilitam a construção da identidade feminina, bem como compreender como se dar a relação das inovações estéticas Clariceana e sua contribuição na construção do sujeito feminino, além de desvendar o olhar masculino sobre a protagonista Macabéa.

Para a realização deste trabalho monográfico nos ancoramos em vozes como as de Zinani (2006) que trata das vozes femininas na literatura; Bakhtin (2003) que elucida sobre a constituição do sujeito; Hall (2006), cuja teoria nos leva a uma reflexão a respeito da identidade e cultura na pós-modernidade; Bauman (2005) que retrata a identidade em uma visão não mais tradicional, mas sim dentro da modernidade líquida e, Cândido (2000) que

mostra a literatura como algo ligado a vida social, dentre outros que discutem a temática em questão e colaboram com os estudos literários.

Esta pesquisa está inserida em uma perspectiva teórico-metodológica, inspirada na abordagem sociocultural e literária, de maneira a facilitar a descoberta das hipóteses explicitadas neste estudo. Para isso, adotamos como categorias de análise: representação, mulher, sujeito. As categorias assim, definidas possibilitará analisarmos, como é constituída a identidade feminina na obra de Lispector, exclusivamente na evidenciada, neste trabalho.

Acreditamos ainda que, as categorias adotadas neste estudo dizem respeito à constituição do sujeito como ser social e, que é refletindo sobre o drama da linguagem, o desejo do ser, o predomínio da consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas, a magia do olhar, a desagregação do eu, a náusea, o silêncio das coisas e das pessoas, que as categorias adotadas irão contribuir no alcance dos objetivos almejados nesta pesquisa.

Consideramos esta pesquisa relevante, haja vista que, poderemos analisar a construção da identidade/sujeito, subsidiando da forma estilística pessoal da escritora, pois, as cenas de suas narrativas apresentam um viés Realista/Naturalista e Romancista/Simbolista, criando dessa forma, um elo significativo entre realidade e a ficção, sem deixar à margem o Modernismo. Acreditamos, ainda, que este trabalho poderá contribuir para ampliar os horizontes de pesquisas a partir das reflexões acerca dos enredos Clariceanas, que giram em torno da personagem feminina e, a própria questão da construção da sua identidade.

Dessa forma, as questões que norteiam esse trabalho são: Quais as representações encontradas na obra “A hora da estrela” que possibilitam a construção da identidade feminina? Como se dá a relação das inovações estéticas Clariceana, e sua contribuição na construção do sujeito feminino? E ainda: Qual o olhar masculino sobre a protagonista Macabéa?

Portanto, na tentativa de encontrarmos respostas para esses questionamentos construímos este trabalho, que se encontra dividido em dois capítulos, ambos, compostos por subtítulos. No primeiro capítulo, o teórico, realizamos uma discussão sobre “Identidade, Identidade feminina e Clarice Lispector” á luz de estudiosos que se concentram na área. Para tanto, no tópico “Na busca de uma “definição” para a identidade” refletimos sobre o conceito de identidade. Posteriormente, discorreremos sobre “Identidade feminina: realidade ou mito?”, debatendo sobre a realidade da identidade feminina e sua evolução ao longo dos anos, mostramos historicamente como esse processo se deu e como está nos dias atuais. Já no tópico “Clarice Lispector e a identidade feminina”, tentamos mostrar como a escritora aborda

essa temática em suas narrativas, principalmente na obra que analisamos. E para finalizarmos o primeiro capítulo realizamos uma pequena mostra da autora, “Clarice, suas obras e suas personagens”, onde evidenciamos um pouco de sua literatura, enaltecendo o modo como escreve e sua peculiaridade com as palavras.

No segundo capítulo, o de análise, intitulado “A Construção da identidade feminina na obra “A hora da Estrela”, apresentamos inicialmente, a obra, no tópico chamado “Enredo da obra” situando o leitor sobre o que se passa na narrativa, ou seja, escrevendo uma espécie de resumo da obra. Seguimos com o tópico “As personagens”, no qual apresentamos os personagens da obra, mostrando as principais características de cada um, e revelando o que alguns outros autores dizem a seu respeito. Trazemos ainda a “Representação da construção feminina em Macabéa” onde refletimos sobre construção feminina da personagem principal a luz de outros estudos já realizados. O tópico “As inovações estéticas Clariceana e sua contribuição na construção do sujeito feminino” traz uma análise sobre a construção do sujeito feminino na obra estudada, atentamos para a estética clariceana. Para encerramos o terceiro capítulo, discutimos o tópico “O olhar masculino sobre Macabéa”, mostrando que a autora, Clarice Lispector, sentiu a necessidade desse olhar masculino para construir a identidade de Macabéa, para falar de forma cruel e sem sentimentalismo que, na maioria dos casos, a figura masculina, consegue. Por último, ainda temos nossa conclusão que apresenta nossos achados, apresentando respostas para questionamentos.

## 2 IDENTIDADE, IDENTIDADE FEMININA E CLARICE LISPECTOR

### 2.1 Na busca de uma “definição” para a identidade

Definir identidade é provavelmente tão difícil quanto taxar ou rotular alguma outra coisa que seja. No entanto, é provável e possível afirmar que qualquer indivíduo possuía uma identidade no sentido, que este ser é alguém, nem que seja pelo fato de possuir uma assinatura, uma certidão de nascimento ou mesmo uma carteira de identidade contendo sua nacionalidade, filiação e assinatura.

Todo ser têm valores agregados a essa identidade, que o mesmo julga ter, para tanto, não deve ser vista como algo completo, terminado e definitivo, essa identidade está em constante estado de transformação, ou seja, sendo constantemente reconstruída, pois, como afirma Bauman (2005, p. 17) a “identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio individuo toma”.

A partir desse pressuposto, podemos ressaltar que á medida que construímos novos valores, quando edificamos outro olhar sobre o mundo, quando conhecemos novas pessoas, a cada viagem que fazemos, a cada novo autor que lemos, somos constituídos por novas identidades. Isso não quer dizer que não possuímos uma identidade, mas que a identidade não pode ser vista como um aspecto compacto, definido e imutável. Bauman (2005) diz a modernidade líquida faz com que as pessoas não consigam definir sua identidade. Ao apresentar que:

A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2005, p. 16).

A partir da citação acima entendemos que a identidade é algo que não é realizada ou construída de forma definitiva. Na realidade, ela vai depender da cultura ou mesmo do meio em que a pessoa está inserida. Não podemos esquecer que nossas identidades são formadas no convívio com os vários grupos aos quais fazemos parte, apesar de nos destacarmos individualmente na soma desse grupo. Para Bauman (2005, p.35) diz que “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo homem ou mulher, absorve-las, usando os seus próprios recursos e ferramentas”. O escritor ainda ressalta que: “As “identidades”

flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossas volta, e é preciso estar alerta constantemente para defender as primeiras em relação às últimas” (Bauman, 2005, p.19). Caminhando por essa lógica assumimos identidades de acordo com o ambiente em que esta inserido.

Dessa forma, podemos afirmar que a identidade se constrói através, de vários grupos em que convivemos sejam eles, os amigos, a família, os ídolos dos quais somos fãs, ou mesmo lugares onde frequentamos: escolas, igrejas, praças, clubes, entres outros que desempenham diversos papéis. A partir, dessas relações, o ser toma consciência de sua singularidade.

Hall (2009) também trás sua posição em relação a identidade apresentando que o conceito de identidade é apenas mais um conceito estratégico e posicional, está concepção não aprova aquele núcleo estável do “eu” que supera a ideia de que a identidade é imutável, sem mudança alguma, por todas as instabilidades da história. Esta concepção, não, faz referência ao seguimento do “eu” que não muda que permanece por anos, idênticos a si mesmo.

Woodward (2000, p.10) nos assegura que a construção da identidade “é tão simbólica quanto social” essa construção de identidade passa por algumas turbulências causadas por conflitos diários no meio onde o sujeito está emerso. Neste instante todas as atenções educacionais estão voltadas para a questão da identidade, essas discussões, que por sinal só ganham mais ênfase com o passar do tempo. Muitos buscam, insensatamente, desvendar e chegar a um mote comum sobre identidade. Dessa forma, entendendo o que para que esse contexto seja entendido é de suma importância estar a par das preocupações contemporâneas nessa questão nos diferentes níveis.

Essas preocupações partem das identidades nacionais e étnicas, não deixando de lado, de uma forma mais íntima a identidade pessoal. A partir dessas inquietações no campo da identidade e as muitas transformações que a identidade tem passado, com o decorrer dos anos (e por que não dizer décadas) gerou uma inquietação, criando assim o que chamamos de “Crise de identidade”. Sobre isso, Hall (2003) diz:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (Hall, 2003, p.21)

Contudo, podemos nos questionar: Como se dar ou o que é crise de identidade? Algumas pesquisas chegaram à conclusão que essa chamada crise de identidade é uma forte característica das sociedades contemporâneas, que colocadas contra a parede gerarão ainda, mais problemas e opiniões diversas. Podendo ser analisada de várias formas: a crise de identidade, como por exemplo, a separação de alguns grupos étnicos implicando na afirmação de renovadas e novas identidades, retomando ainda novas identidades talvez foram esquecidas pelo sujeito. Já que segundo Oliveira (2014) a identidade não é construída biologicamente ou até mesmo cronologicamente, com o passar do tempo ela reuni um caráter construtivo e agente participativo.

Assim, para podermos dizer que um ser está com sua identidade concretizada e parcialmente formada, é preciso passar por fases básicas na construção de seu eu, organizando-as em dois elementos: começando pela subjetividade, é através dela que a razão e a emoção iniciam seus primeiros passos, suas ações em relação ao externo e a interpretação do que esta dentro de si. O segundo elemento, é a individualidade quando as expectativas são encaradas pelo individuo de maneira única, sendo o ser de sua história e sendo assim inédito, nunca tendo existido antes (OLIVEIRA, 2014).

Dessa maneira para Woodward (2000), a identidade esta diretamente ligada á subjetividade pois afirma que:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (WOODWARD, 2000, p.55).

De acordo com, a afirmação acima, entendemos que a subjetividade, indica a compreensão do nosso eu. Woodward (2000) revela que, a subjetividade permite explicar as reações pelas quais nos apegamos às identidades particulares. Bauman (2005) ainda ressalta que “a identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha”. (BAUMAN, 2005, p.83).

Estabelecida em processo contínuo, a identidade de hoje não é constituída pelas características indenitárias de ontem, todavia é socialmente, arquitetada pelas práticas discursivas, que são produtos da cultura que as construíram.

Para nos aprofundarmos ainda mais discutiremos agora sobre se a identidade feminina é uma realidade ou apenas um mito.

## 2.2 Identidade feminina: realidade ou mito?

Como já havíamos colocado, a identidade é uma construção sócio histórica, que passa constantemente, por transformações. Assim, ao pensarmos na construção de um conceito para identidade, ou mesmo, ao refletirmos sobre a questão da construção individual do sujeito da sua própria identidade, chegamos a questionar/refletir: A identidade feminina se constitui em uma realidade ou não passa de um desejo mitológico imposto pela sociedade?

Na tentativa de respondermos tal questionamento (se é que isso seja possível) ou mesmo de refletirmos sobre ele procuramos estudos/teorias que pudesse nos ajudar e assim, n deparamos com o entendimento que a identidade feminina poderia ser compreendida ao longo do percurso que recorreremos para entendermos a mulher em suas multes fases. Segundo Zinani (2006), à medida que a modificação do padrão tradicional abala a maneira de lidar com a economia interna e externa, forçando a mulher a assumir o seu lugar, tanto no espaço privado como no social, o que vai acarretar dificuldades para mulheres e homens, já que não há mais modelos em que se espelhar, dai necessidade de se construir um novo paradigma. Começando pelos papéis sociais e os muitos contextos que levaram essa mulher a se construir com o passar do tempo, pois como sabemos a mulher de alguns anos atrás não exercia papéis tão múltiplos comparados à mulher de hoje. Estudos mostram que:

A construção do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados (ZINANI, 2006, p.49).

Com base no discutido por Zinani percebemos que historicamente, falando começou-se a pensar na construção das identidades de homens e mulheres a partir do século XVIII, com as mudanças políticas, sociais e econômicas que marcaram nossa história para sempre. Assim, como o início da industrialização, vemos que com ascensão à burguesia e a formação da sociedade capitalista foram talvez uns dos grandes responsáveis pelo que nós mulheres somos hoje, na sociedade moderna é altamente líquida.

A ideia de identidade individual nasce com o surgimento da família burguesa: pai, mãe e filhos (a), no entanto, nessa família existe a figura dos filhos que precisam de cuidados especiais que “somente sua mãe pode dar”. Daí em diante surge o papel da mulher mãe, esposa e do lar. Por muito tempo, as mulheres tiveram suas vozes silenciadas, durante a história de toda a humanidade.

Apesar de tantas mudanças que transformaram os sujeitos e como deveriam ser, surgem certas dificuldades para definir a identidade no que diz respeito à feminina, devido talvez a sua regularidade em relação ao seu crescimento. Para Zinani, (2006), o resultado dessa construção social da identidade feminina dar-se pelas experiências culturais e históricas que influenciaram diretamente seu modo de pensar e como agir.

Todo e qualquer relato sobre a mulher em sua construção de identidade, só veio à tona no século XX, e foi principalmente, nas duas grandes guerras que as mulheres, tiveram um incentivo de saírem de suas casas e atuaram em distintos serviços, já que os homens estavam no campo de guerra. Após, a guerra já era tarde demais, as mulheres já não queriam voltar e ser apenas donas de casa e cuidar de seus filhos. Como diz Rocha Coutinho (1994) um certo mal-estar indefinido pairava e as mulheres já não eram mais as mesmas.

Com a globalização todos os sujeitos foram impactados, e a partir de então, que as mulheres passaram a lutar para ocupar um espaço no mundo do trabalho, queriam exercer uma profissão, mas que essa profissão não roubasse essa identidade feminina conquistada à duras penas, essa ampla caminhada passou a fazer parte da vida de mulheres conhecidas também pelo termo “super mulher”.

Apesar de passar por um processo contínuo a identidade que o sujeito possui hoje, jamais, é composta por elementos anteriores, mas por elementos da cultura que nos constituíram, por tanto a identidade feminina apesar de ter evoluído ainda, recebe um olhar opressor da sociedade.

Dessa forma, a figura da mulher, de mero elemento secundário, passou a ser algo de muitíssima importância, na sociedade atual, onde ela se destaca como protagonista, embora ainda sofra com as heranças históricas. Com o passar do tempo, e a persistência nas lutas promovidas, as mulheres conseguiram aumentar o seu espaço, nas estruturas sociais, deixando para trás, a mera imagem de dona de casa, assumindo trabalhos fora dos seus lares, e assumindo cargos importantes em empresas multinacionais e estruturas hierarquias menos submissas.

Para Zinani, (2006 p. 15), quando diz que: “A identidade não é um elemento a priori. Ela se estrutura através, da interação com a sociedade”. Dessa forma, podemos então dizer

que a identidade feminina é fruto social e, espelho do olhar do outro, sendo definida pelo discurso de seu interlocutor, que por sua vez herda uma visão de que ao gênero feminino cabe uma posição inferior na organização social, mas, além disso, é o que a mulher quer que seja, é muitas vezes como ela se apresentar, os ideais que ela defende as lutas vencidas, as conquistas realizadas, a singeleza expressada em cada olhar, em cada forma de fazer, em cada gesto. Ou mesmo, em cada momento que a mulher diz basta, porque eu sou mulher, porque eu posso, porque eu devo, porque eu quero, porque eu sou humana, porque eu sou essencial.

No entanto passaremos a discorreremos sobre Clarice Lispector e sua relação com a identidade feminina.

### **2.3 Clarice Lispector e a identidade feminina**

Uma escritora decidida a desvendar as profundezas da alma, essa é Clarice Lispector, que escolheu a literatura como bússola em busca pela essência humana (LISPECTOR, 1998). A obra de Clarice Lispector causa um constante questionamento acerca da natureza do sujeito, em uma identidade até hoje burguesa, isso acontece por causa da trajetória que suas personagens femininas seguem essas chamadas heroínas (com razão) por enfrentarem tantas crises e mal estar em situações extremas.

A quebra dos padrões da narrativa tradicional está sempre a frente dessa literatura Clarice Lispector, pois a identidade feminina é um dos principais temas problematizados diretamente, na obra da escritora, a partir da introdução da mulher em tantas reviravoltas históricas e culturais, no mercado de trabalho e, nos padrões que norteiam a ideia de emancipação social feminina. Em uma de suas entrevistas, ao caderno de literatura brasileira Lispector ressalva que “[...] viver é mascarar-se, ser é mascarar-se, por conseguinte, só pela máscara se escreve a vida verdadeira. A questão do duplo e dos valores da alteridade que nos desdobramentos intervêm - o fazer coincidir no outro a própria identidade [...]” (LISPECTOR, 2004, p.179).

Podemos observar que, a autora tem uma marca forte e engajada no que diz respeito à identidade feminina, pois a mesma recebendo profundas críticas literárias após, a publicação de suas obras não recuava. Convém acrescentar que Lispector também, se preocupava com o social, porém não fazia uso de sua escrita literária para enfatizar tal preocupação. O estudioso Manzo (1998, p.216) ressalta essa informação quando diz que as “pessoas humildes causam

uma certa fascinação em Clarice, por outro lado esse mesmo sentimento tornava-se em incômodo de perceber que o mundo era feito de terríveis angústias”.

Siqueira (2007) afirma que o anseio de Clarice Lispector de entender a condição humana era fortíssimo, e que o homem está centralizado nas indagações claricianas, esse indivíduo é que é tão pesquisado e tão pouco conhecido ao mesmo tempo em que a escritora por meio de sua escrita, impõe a se reconstruir para se reencontrar dentro de si mesmo, “o humano do homem”. Para compreender Lispector sempre propõe que o ser questione a si mesmo, sobre a sua existência no mundo terreno, mais primeiro de tudo o seu interior.

Segundo Santiago (2004) o discurso de Lispector trata exatamente essa ruptura com o que é tradicional de se narrar, pois a sua literatura se “monta” a partir da palavra. Entendemos com isso que a literatura Clariciana busca compreender a consciência individual de suas personagens, carregadas sempre de muita introspecção psicológica, componente desencadeador da ação reflexiva das personagens em busca de seu alto conhecimento.

De acordo, com o modo que Clarice insere suas personagens no mundo, ou seja, que elas passam a existir podemos dizer que a autora inova em sua escrita. Segundo postula Lima (1983, p.184) a “Situação predileta aos contos de Lispector será a tensão entre o esforço de manter-se no equilíbrio de uma neutra e opaca existência e o seguir de um evento transformador”, é a partir disso que entendemos a ideia de Lispector ao inserir seus personagens no diálogo do mundo moderno que podemos dizer mais uma vez que a autora inova em sua composição.

Para Rosenbaum (2002), quem lê Lispector consegue obter uma aprendizagem gradativa, e como a própria Clarice diz na abertura da obra, *A Paixão segundo GH*, (1998), “Somos levados a desaprender nossos hábitos de leitores convencionais para percorrer labirintos nem sempre apaziguadores e construir como GH uma nova consciência de nós mesmos”.

É exatamente, através, das suas escrituras que a autora reflete sobre o sentido da vida. A nova ficção de Clarice se deve principalmente, a sua escrita própria e cheia de inovação, apresentando para a literatura um novo perfil de representação do ser e do mundo. De acordo com Gatlib(1988,p.173) a escrita da autora tematiza o sistema vigente dos anos 60.

Pode-se afirmar que os textos de Clarice Lispector refletem, de modo mais ou menos direto, estas questões que fizeram a nossa história nos anos 60. Afinal, o tema da *repressão* está implícito ao dos limites das condições de vida, sobretudo da mulher que a escritora aborda.

Esse novo aspecto de expressão literária colaborou para a ficção de Clarice, na qual, tornasse muito representativa em nossa literatura. Para tanto, Rosenbaum (2002), nos diz que a autora é reconhecida internacionalmente e nacionalmente, como um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX.

As obras de Clarice Lispector apresentam essa divisão dos gêneros de modo direto e indireto. É importante discutir sobre essa temática, visto que ela está sempre presente nas narrativas da autora. Dai, a importância de conhecermos como isso se apresenta na construção da identidade de suas personagens.

Aprofundaremos-nos mais ainda na Escritora Clarice Lispector, passaremos a discutir sobre suas obras e suas personagens em nosso próximo tópico.

#### **2.4 Clarice, suas obras e suas personagens.**

Para Clarice Lispector, “Não é fácil escrever. É duro quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados” (Lispector 1998, p.19). Clarice parece em suas obras, querer atingir as regiões mais profundas da mente das personagens para aí sondar complexos mecanismos psicológicos. É essa procura que determina as características específicas de seu estilo.

Clarice Lispector foi original quanto a sua ficção, sua tentativa de transcender o cotidiano revela-se em personagens na proximidade de um milagre, uma explosão ou uma singela descoberta. Vidas que se perdem e se encontram novamente em labirintos formados por uma linguagem única, e é por essa linguagem que Clarice Lispector constrói uma obra de caráter tão profundo quanto universal (NUNES, 2006)

Com base no discutido percebe-se que o diferencial de Clarice Lispector está no fato de que suas narrativas não, se constroem como as tradicionais com sequência de começo, meio e fim, sendo assim inovadora, e se configurando o tempo lógico. Nas narrativas claricianas, o tempo confere o caráter de fluxo e refluxo, pondera as sensações, impressões e sintomas de suas personagens. Silviano Santiago (2004) ressalva que o discurso de Lispector discute exatamente essa ruptura com o que é tradicional de narrar, pois sua literatura se

alimenta da palavra. Por tanto, percebemos que a escrita de Clarice busca entender a consciência individual de suas personagens.

Podemos destacar algumas das diversas personagens da autora como, por exemplo, a obra “A paixão segundo GH”, nesta obra a protagonista não possui nome, Clarice parte de uma cena do cotidiano de uma dona de casa que se assusta ao ver uma barata no quarto de sua empregada. Para indagar as inquietações femininas e os desejos de mudança que cercam da personagem, sendo considerada uma de suas melhores obras.

Ressaltamos ainda um grande sucesso “A cidade sitiada” como exemplar ao discutido até então esse romance se passa na década de 1920 e está ambientado no pouco atraente subúrbio de São Geraldo, onde vive a jovem Lucrécia Neves, remotamente inconformada com a mesmice de um ambiente sem futuro. O confronto entre campo e cidade, presente noutras obras da autora, neste romance é essencial para a caracterização da personagem, dividida entre a vila-refúgio de origem, com a qual mantém remotos laços afetivos, e sonhos de uma metrópole romantizada. Mas a inquietação da moça não vai, além disso, pois ela apresenta visível limitação na capacidade de refletir sobre a vida. “Lucrécia Neves talvez quisesse exprimi-lo, imitando com o pensamento o vento que bate portas – mas faltava-lhe o nome das coisas”. Seu modo de apreensão do real se dá pelo olhar, que não chega a se transformar em linguagem, em palavra.

Não podemos esquecer-nos da obra Laços de Família, 1960, que contém 13 maravilhosos contos, um deles chamado “Feliz aniversário” que conta a história de uma senhora chamada dona Anita que esta com sua família toda reunida para comemorar seus 89 anos, no entanto ninguém esta ali por amor ou consideração aquela senhora, mas por tão somente obrigação. Através desse conto percebemos a podridão de família onde só se enxerga o “eu” os laços de convenção e interesse que estão impregnados na precária união familiar através de uma família carioca de classe média. “É preciso que se saiba. Que a vida é curta” em Laços de família.

Por fim, A hora da estrela, 1998, um livro mais surpreendente que a autora já escreveu, onde retrata a história da miserável Macabéa, que mal tem a consciência do existir, depois de perder sua única parenta no mundo, ela viaja pra o Rio de Janeiro onde, aluga um quarto, e consegue emprego como datilografa. Apaixona-se perdidamente por Olímpico de Jesus, que a trai com uma colega, num momento de desespero consulta uma cartomante que lhe prevê um futuro que jamais chegará totalmente diferente do que na verdade acontecerá. A obra é uns romances sobre o desamparo a que, todos estamos entregues.

A literatura de Lispector é bastante ampla, partindo de livros, contos, crônicas e, até literatura infantil. Em pesquisa constatamos que a cada volume, a diversidade de temas, a condição feminina, as falsas aparências dos laços familiares e limites do “eu” e o “outro” são bastante fluentes na escrita da autora. A partir disso, ressaltamos o que a própria autora diz:

Essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de que? Procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse “estilo” (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente é apenas é: uma procura humilde...(LISPECTOR,1999,p.144)

Por Lispector expressar o que lhe inquietava, suas personagens procuram em fixo processo reflexivo. Entender suas identidades e seu estar no mundo. As personagens criadas por Clarice Lispector descobrem-se em um mundo absurdo; está descoberta dá-se normalmente diante de um fato inusitado - pelo menos inusitado para a personagem. Aí ocorre a “epifania”, classificado como o momento em que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência e que a fará despertar para a vida e situações a ela pertencentes que em outra instância não fariam a menor diferença.

Para a escrita de Clarice, "Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo." (LISPECTOR, 1998), a mesma mostra que Clarice tinha um desejo incontrolável de escrever, pois era a maneira encontrada para diminuir seu dilema interior.

De esposa de diplomata, mãe, colunista de jornal, acreditamos que muitos admiradores de Clarice Lispector não sabem que a autora por necessidade financeira escrevia colunas, em diferentes períodos fazendo uso de pseudônimos para falar de beleza, moda e comportamento. A autora de livros de ficção e literatura infantil, Clarice varia sua escrita sem demonstrar confusão com as palavras, pelo contrário acreditamos que cada uma delas foi escolhida e nomeada por ela cuidadosamente.

Daremos continuidade discutindo sobre o processo de construção da identidade feminina na obra estudada.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”**

#### **3.1 O enredo da obra**

A obra “A hora da Estrela” de Clarice Lispector foi publicada em 1977. Em primeiro momento, ao depararmos com o título da obra, os sujeitos leitores são levados a idealizar

uma história na qual teria um começo com diversas dificuldades, mas que chegaria sua hora gloriosa, pois, não cogitamos a possibilidade de que uma obra com esse título tivesse um desvendar tão complicado e tão cruel para uma mulher. Depois da leitura, nos damos conta do quão sofredora e desinteressante a protagonista é. Isso nos é perceptível logo nas primeiras linhas quando lemos “Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita” (LISPECTOR, 1998, p.12).

Rodrigo S.M é narrador e personagem da “A Hora da Estrela”, a história que Rodrigo narra tem como protagonista “Macabéa” uma moça com apenas 19 anos, nordestina que veio do sofrido sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro. Essa moça tinha um sonho de ser estrela de cinema. Em uma Rua do Rio de Janeiro, acontece o encontro de Rodrigo e Macabéa, “No arde relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (Lispector 1998, p.12). No mesmo encontro descobrimos que o próprio narrador também é nordestino, quando o mesmo afirma “Sem falar que eu em menino me criei no nordeste”. (LISPECTOR 1998, p.12). Os pais de Macabéa morrerem de “febre ruim” em Alagoas quando ela ainda era criança, após a perda dos pais a menina fora criada por uma tia beata que “judiava” dela.

Macabéa junto com a tia mudou-se para o Rio de Janeiro, onde a tia arrumou um bico para Macabéa, numa pequena empresa como datilógrafa. Não passando muito tempo, a tia de Macabéa morre deixando a pobre moça sozinha nesse mundo de meu Deus. Depois do acontecido à nordestina passa a dividir um quarto com mais quatro moças que trabalham nas “Lojas Americanas”.

Muito ignorante, no que diz respeito ao saber, Macabéa datilografava muitas palavras “erradas”, por que datilografava como são pronunciadas, deixando seu chefe furioso, ameaçando de colocá-la no olho da rua. Ao ver a reação da moça seu Raimundo, chefe da repartição onde Macabéa trabalhava, disse que ela só seria demitida mais tarde.

Certo dia, Macabéa mente para o patrão que iria ao dentista arrancar um dente e que por esse fato não poderia ir ao trabalho. No mesmo dia, ela conhece Olímpico de Jesus, seu agora grande amor e futuro namorado. No dia do encontro estavam chovendo, ele a convidou para dar uma volta. Ele perguntou qual era o seu nome e ela respondeu “Macabéa”. A única coisa que os dois tinham em comum era o seu lugar de origens, à infância sofrida e a vida difícil que enfrentavam numa cidade grande e desconhecida.

Olímpico toma interesse por Glória, colega de Macabéa, talvez por isso, Olímpico termina tudo com a nordestina, dizendo a ela coisas terríveis, uma delas “você é um cabelo na sopa”. Olímpico pensava que Glória podia ajudá-lo a ter mais ascensão social, sendo

ambicioso, considerava que com ela poderia conseguir alcançar muitos desejos tendo ao seu lado uma “carioca da gema”.

Macabéa muito magra, fraca e desnutrida, ouvindo os conselhos de Glória, resolve ir ao “médico de pobre” que lhe aconselha a tomar um tônico, mas Macabéa acha que só ir ao médico já resolveria seu problema e não comprou o tônico. Tendo muito apressado por Glória, Macabéa ouvi novamente seus conselhos, toma dinheiro emprestado e vai até uma cartomante.

Chegando ela até a Madame Cartola, fica assustada mais faz tudo que a madame lhe pede, enquanto lhe fala do passado. Madame Cartola diz que pela vida da moça ser uma tragédia ela nem iria cobrar, mas a nordestina insiste, faz questão com o dinheiro na mão. A cartomante muda seu comportamento e diz muita coisa boa à moça, que sua vida iria mudar para melhor e que ela naquele mesmo dia irá conhecer o amor de sua vida com quem iria se casar.

Ao sair da cartomante, a nordestina atravessa a rua e é atropelada por um carro luxuoso. Esta se intitula “A Hora da Estrela” (dai o título do livro), finalmente ela é reconhecida. Com ela morre Rodrigo S.M o narrador, identificado com a escrita do romance que acaba.

A partir de agora conheceremos cada personagem a fundo e sua relação com nossa Macabéa.

### **3.2 Os personagens**

Em seu último romance “A Hora da Estrela” a escritora Clarice Lispector criou um narrador fictício, Rodrigo S.M, que relata a vida da jovem nordestina, ao mesmo tempo em que reflete sobre os sonhos, as manias e os conflitos internos da garota.

Passaremos a conhecer agora cada personagem desta narrativa a começar pela nossa Macabéa.

## **MACABÉA**

Macabéa, personagem principal da narrativa é uma moça nordestina (alagoana) de 19 anos, pobre e desleixada. Não tem família e vive com um subemprego no Rio de Janeiro. Segundo Jesus e Sá (2013) Macabéa é uma pessoa totalmente anônima, pois a moça parece estar invisível perante as pessoas que a rodeiam. Sua ignorância é tamanha que não reconhece

nem sua própria infelicidade. Jesus e Sá (2013), ainda enfatizam que Macabéa não possuía sequer atributos físicos que justificassem sua aceitação, ou seja, nem como objeto, a jovem consegue justificar sua acolhida no seio da sociedade.

### **RODRIGO**

Rodrigo S.M: é o narrador da história e pode ser entendido como uma representação da própria escritora. Ele faz ao longo do livro diversas reflexões sobre o ato de escrever. Sua principal preocupação é em mergulhar na profundidade do ser humano para entender sua natureza. Uma das características da escrita do narrador Rodrigo é a busca por tentar se abster de tudo para obter a medida certa para falar da nordestina (LUDWING, 2011). O narrador se afasta de tudo que possa lhe proporcionar prazer e leveza.

### **OLÍMPICO DE JESUS**

Olímpico de Jesus por sua vez é o primeiro e único namorado de Macabéa. Também nordestino, mas da Paraíba. Segundo Nunes (2013), o personagem de Olímpico está transfigurada na obra literária é o “cabra-macho”, uma junção do “cabra safado” e do “macho de briga”. Olímpico que não tem medo de nada é violento, forte, viril, “dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen” (LISPECTOR, 1998, p. 58), era sabedor das coisas e destemido. Nunes (2013) postula ainda que a autora deixa claro na narrativa que Olímpico não é o homem idealizado por uma mulher, pois maltrata apobre namorada Macabéa, com insultos e indelicadezas.

### **GLÓRIA**

Glória: filha do açougueiro, branca e roliça, é colega de trabalho de Macabéa. Apesar de não ser bonita, tinha certa sensualidade, nela havia certo desafio que a resumia em “ninguém manda em mim” (LISPECTOR, 1998, p.64). Por conta disso, Olímpico deixa Macabéa para ficar com ela. Segundo Marchesano (2000) para Macabéa Glória e Marilyn Monroe, representavam o padrão de beleza, sempre muito parecidas com as gravuras que a pobre moça colecionava das revistas.

## MADAME CARTOLA

Madame Cartola, a cartomante que não passa de uma vigarista que ganha a vida enganando pessoas dizendo saber ver o futuro, faz isso com a pobre Macabéa dando a ela a “nostalgia do futuro”. (JESUS E SÁ, 2013). A vigarista era garota de programa, mais como a idade já havia chegado e como consegui juntar algum resolveu parar. “Madame Cartola era fã de Jesus Cristo e adorava bombons” (LISPECTOR, 1998, p. 73), com o dinheiro que ganhava dos pobres coitados que acreditavam em seus poderes a cartomante vivia uma vida de luxo.

Precisamos desvendar a representação da construção feminina de nossa personagem Macabéa, e é exatamente o que faremos no próximo tópico.

### **3.3 Representação da construção feminina em Macabéa**

No ano de 1977, em uma de suas entrevistas, Clarice Lispector responde ao jornalista Júlio Lerner da TV cultura, o que era aquela novela que acabará de escrever: “É uma história de uma moça nordestina de Alagoas tão pobre que só comia cachorro quente. A história de uma inocência pisada e de uma miséria anônima”.

Temos como objeto de estudo dessa monografia, esse romance, escrito por Clarice Lispector que surpreende mais uma vez, por trazer novidade que contrariava sua carreira na literatura, até então voltada para a experiência interior individual, trazendo para a época uma nova tendência. Sua obra (como já foi citado neste trabalho) não segue o tradicional do enredo de início, meio e fim, como as narrativas tradicionais.

Clarice vê a linguagem como um elemento complexo e ao mesmo tempo intrínseco ao ser humano. O olhar de Lispector coloca em questão a vida real dos personagens Rodrigo S.M e Macabéa, Clarice faz uso de sua sensibilidade para trazer um olhar mais característico sobre o social que cerca o ser humano, na realidade da mulher na metade do século XX. “A Hora da Estrela” inova no sentido de violar a forma tradicional de se escrever romance no século que se passou, a obra é bem maior, não tem limites.

Quem ajuda a Clarice Lispector a contar essa história é o narrador designado por Rodrigo S.M, ao mesmo tempo personagem e narrador. “A história – determino com falso “livre-arbítrio” vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes” (LISPECTOR, 1998 p.13). Rodrigo, por sua vez, fica entre onisciência e observação “Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar as palavras

que vos sustentam” (LISPECTOR, 1998, p.12). Ao relatar essa história da nordestina Macabéa, que é uma personagem narrada em terceira pessoa.

O narrador Rodrigo S.M anuncia o início de todo ciclo de vida que deparamos logo no início da obra quando a autora diz que: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”. O narrador se sentiu inquieto após o primeiro encontro com a protagonista numa esquina do Rio de Janeiro, e que contará sua triste e sofrida história. Ele nos revela quantos personagens compõem essa história “uns sete”, claro incluindo-se. Rodrigo ainda nos revela o que a narrativa traz. “Não se trata apenas de uma narrativa, é antes de tudo vida primária que respira (...). O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas”. (LISPECTOR, 1998, p.13)

Rodrigo deixa claro que a narrativa não é uma história bonita, como o título dar a entender, de forma, mais reveladora: “Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem” (LISPECTOR, 1998 p.14). O narrador nos revela ainda como escreve a narrativa e como a própria Clarice Lispector permite que ele haja como autor esse fato é podemos constatado em:

Pretendo como já insinuei escrever de modo cada vez mais simples. Aliás, o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.(LISPECTOR, 1998, p.14).

Depois de contar como a narrativa será escrita, Rodrigo S.M nos apresenta Macabéa, como se estivéssemos frente a frente com a nordestina, expressando uma familiaridade constante com a personagem, ressaltando que: “A pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”. (LISPECTOR, 1998 p.14)

A inocente Macabéa, órfã de pai e mãe tem 19 anos, criada por uma tia que a espancava sem dó e piedade, que também morreu. A nordestina agora passou a dividir o quarto com as três Marias sozinhas, insossas e desinteressantes como ela. A moça tinha um mau cheiro terrível que incomodava, dificilmente tomava banho “Ela toda era um pouco encardida, pois raramente se lavava” (LISPECTOR, 1998 p.27). Esse fedor deixava sua colega de trabalho Glória, bonita, cheirosa, carnuda e “carioca da gema” inquieta por tal

fedor. Seu chefe Raimundo, tomou a decisão de mandá-la embora, mas se sensibiliza ao ver que a moça está lendo um livro chamado “Humilde e ofendido” e recua a decisão.

Aparentemente Macabéa é uma pessoa vazia de sua vida interior, nunca era lembrada, não recebia presentes, não participava e nem comemorava o natal, talvez nem soubesse o que era isso. “vivia em câmara leeeenta”, Macabéa “achava bom ficar triste”. Mentia para o chefe sempre que possível para poder ficar em casa sozinha, só para aproveitar a solidão, era o que lhe restava à solidão humana. Era nessas oportunidades que Macabéa podia sonhar “Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida pensou” (LISPECTOR, 1998 p.42).

Discutiremos agora sobre a construção da identidade feminina a personagem Macabéa, para tanto, começaremos ressaltando o que Bauman (2005, p. 21) diz: “a identidade é sempre algo evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente”. É por isso, que acreditamos que Clarice ao nomear a personagem com o nome de Macabéa, talvez por lembrar-se de um sofrido passado judeu, relembrando a luta dos macabeus, que resistiram no Monte Sião contra a força dos gregos e recusando-se a desobedecer às leis judaicas (WALDEMAN, 1996). De acordo, como estudioso Waldeman (1996), Macabéa refere-se ao livro dos macabeus considerado apócrifo pelos judeus.

Waldeman (1996) em “O estrangeiro em Clarice Lispector” faz a seguinte pergunta: “Qual vínculo, porém, que se pode estabelecer entre os guerreiros macabeus e a nordestina Macabéa, perdida numa cidade toda feita contra ela?”. E logo após responde: “apesar de moldada ao fracasso desde sua apresentação, Macabéa é, como os macabeus, vítima da exploração dos outros, e, como eles, ela resiste” (WALDERMAN, 1996, p. 96-7).

Macabéa apesar de todo vazio, possuía sua identidade, como podemos observar em, “Por que por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma”. A moça por mais ignorada que fosse, gostava de viver, apesar de não saber para que estivesse no mundo pensava ela “já que sou o jeito é ser” somente isso lhe bastava (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Por mais simples e, desleixada que a nordestina fosse ela carregava consigo uma identidade feminina, pois como nos afirma Zinani (2006), a constituição da identidade feminina é um processo com raízes. Macabéa por mais recatada que fosse tinha desejos sexuais a ponto de se imaginar com um homem, e “Sonhava estranhamente com sexo, ela que parecia assexuada” (LISPECTOR, 1998, p. 34). Macabéa sentia-se culpada por seus sonhos, talvez por que como a própria Clarice diz “Tudo que é bom é proibido”.

A nordestina como toda mulher bonita ou feia tinha sua vaidade arrumava-se do seu jeito, mais se arrumava, pintava as unhas da mão de vermelho escarlate. “E ainda pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem e gosto de Coca-Cola” (LISPECTOR, 1998, p. 36). Mais uma vez, constatamos nesse trecho a marca de sua identidade feminina, Macabéa orgulha-se de quem era, vestia-se de si mesma, e isso a bastava.

Acreditamos que essa construção da identidade da protagonista se fortaleceu e cresceu a partir de sua vivência com a colega de trabalho Glória. Macabéa enxergava em Glória a mulher perfeita, que tinha namorados, se dava bem com o chefe e além de tudo comia bem. Como observamos no fragmento “Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade” (LISPECTOR, 1998, p.59).

Macabéa, também carregava esses traços femininos, sentia-se atraída por homens. Isso poderá ficar claro ao lermos o seguinte fragmento: “a moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que\_ que queria tê-lo em casa. Devia ser como\_ como ter uma grande esmeralda\_ esmeralda\_ esmeralda num estojo aberto”.

Apesar de não parecer, Macabéa, era autêntica possuía sua identidade própria, embora não fosse percebida. Apesar de muitas, das suas más qualidades atribuídas à nordestina, ela se orgulhava de quem era, “passava o dia representando com obediência o papel de ser.” (LISPECTOR, 1998, p. 36). Embora Macabéa não, fosse vista pela sociedade capitalista, ela carregava consigo sua identidade, sua marca de ser mulher, ainda que invisível, para a grande maioria.

#### **3.4 As inovações estéticas Clariceana e sua contribuição na construção do sujeito feminino**

A personagem de Lispector representa o quadro da alienação da mulher daquela época, ainda que de maneira um tanto caricata. Assim, como a maioria das mulheres, Macabéa está dentro dessa parcela marginalizada e também excluída da sociedade, percebemos que a nordestina como outras personagens Claricianas, têm certa carência e perfeição, fragilidade e nobreza. Na narrativa, podemos perceber a voz da personagem oprimida. Segundo Mota (2016), a problematização da identidade de Macabéa adensa a constante preocupação da autora com a experiência interior de suas personagens.

A característica contemporânea nas obras de Clarice Lispector leva-nos a perguntar o porquê das suas personagens apresentarem o processo de introspecção para construir sua identidade. Tal questionamento levou-nos a pensar tal qual Gotlib (1994, p. 21) que “a própria

autora é um ser que não conhece o seu “eu” externalizando esse fato em suas obras”. Isso pode ser comprovado quando em uma de suas poucas entrevistas, Clarice revela: “Tenho várias caras, uma quase bonita, outra é quase feia. Sou o que? Um quase tudo”. Podemos, assim, perceber o duelo interno da escritora semelhante a suas personagens.

Na obra “A Hora da Estrela” a personagem Macabéa é identificada por Rodrigo S.M, o narrador, impregnando de identidade. Rodrigo vê sua história refletida na protagonista Macabéa como postula Lispector (1998, p. 12) “Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vivi sabe, sem mesmo saber que sabe”. Conforme afirma Rosset (2000), isso pode ser o “reflexo, uma superfície que mostra o seu eu”. Remetemo-nos, então a ideia de que o espelho é um meio que possibilita o desentramento do sujeito, e é isso que ocorre com a protagonista na obra analisada.

Como narrador Rodrigo falará dela e muitas vezes por ela desprovida de atitudes e iniciativas: “Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender” (LISPECTOR, 1998 p.29). Percebemos aqui uma identidade refletida de Rodrigo para Macabéa.

Assim em meio ao chuvoso mês de maio que alguma coisa começou a mudar, Macabéa encontrou um homem: Olímpico de Jesus mal sabia ela que ele seria um de seus carmas, é através desse personagem que podemos expor quem é Macabéa, e mostrar como todos a veem. O namorado a maltratava começando pelo primeiro encontro na troca das primeiras palavras como podemos observar em (LISPECTOR, 1998 p.43).

\_E, se me permite, qual é mesmo a sua graça  
 \_Macabéa  
 \_Maca, o quê?  
 \_Béa, foi ela obrigada a completar.  
 \_ Me desculpe, mas até parece doença, doença de pele.

Olímpico se delicia em ofendê-la a todo o momento, sem perder tempo. A nordestina apresenta o então namorado para a colega de trabalho mais percebe o interesse de um pelo outro. Olímpico quer mostrar que é homem forte e come pimenta malagueta na frente da moça, vendo sua atitude a moça já sabia quem mandaria no relacionamento. Olímpico queria parecer muito autossuficiente.

Para Cavalcanti (1992, p.67) o individuo não possui uma independência em relação ao outro como Olímpico deseja apresentar. “Atrás da imagem de autossuficiência existe uma dependência da afirmação do outro”. Acreditamos que esse achismo todo de Olímpico, parte

também de Macabéa, pois percebemos o quanto sua identidade feminina está presente aqui por ela achar que eles “formavam um casal de Classe” o Metalúrgico e a datilógrafa, percebemos que a protagonista já pensava em formar uma família com o namorado.

Porém, Macabéa está num mundo onde não é querida e nem desejada por ninguém, numa cidade que mais parece devorá-la, a começar pelo próprio narrador, ele deixa claro que ela somente vive, mas não sabe se está no mundo, ao afirmar “Quero antes afiançar que essa moça não se conhece se não através de ir vivendo á toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu” cairia estatelada e em cheio no chão” (LISPECTOR, 1998, p.15).

A nordestina é evitada, somente mais uma vítima do capitalismo selvagem e desumano que usa sua sabedoria para dividir a pobreza. Apresenta-se como uma pessoa profundamente inocente, sem esperanças, feia, ignorante no que se diz respeito ao saber, doente, solitária em relação familiar e amiga da solidão humana.

“Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam”. (LISPECTOR, 1998, p.14). Em nossa sociedade podre podemos identificar inúmeras mulheres como Macabéa que se identificam como domésticas que a sociedade burguesa faz de capacho e o latifúndio repudia (MOTA, 2016).

Macabéa, talvez, seja a personagem mais única de Clarice Lispector, pois as demais eram viúvas, donas de casa e mulheres independentes que estavam à frente de seu tempo. A pobre Maca, como Rodrigo a costumava chamar, não tinha, não era, não seria, “não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1998 p.14). Macabéa era o espelho do que jamais se imaginaria para uma mulher, era “marginalizada”, o que Clarice Lispector nomeou como “inocência pisada”.

A nordestina era negada a condição de ser mulher, ela não cabia dentro dos preceitos necessários que o feminismo exige. Como mostra Lispector (1998, p.58) “E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido”.

Com toda sua inocência, desamor, negatividade e principalmente idiotice Macabéa deixava Olímpico enfurecido, sua falta de feminismo incomoda ainda mais. “A cara é mais importante do que o corpo porque a cara mostra o que a pessoa está sentindo. Você tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecio cara triste, vê se muda” (LISPECTOR, 1998 p.52).

Talvez, por não concretizar os desejos de Olímpico, Macabéa se torne independente, talvez com Macabéa ele não tivesse nenhum desejo sexual ou até mesmo pensou em ter filhos, já que parece que a nordestina não está dentro dos padrões do feminismo. Só em sonhos a nordestina consegue preencher suas lacunas, seu desejo de ser mulher, a possibilidade de estar com o outro, que não seja ela mesma.

Por negar-se ao outro (Olímpico), ou seja, Macabéa não mudou nada embora Olímpico com suas cobranças impôs-se isso. Macabéa acaba grávida de si mesma, diferentemente de Maca, Olímpico e Glória representam o que chamamos de padrão, eles se permitem um ao outro e assim, carregam a capacidade de se perpetuarem dando continuidade à espécie, o que já não é permitido a nordestina.

Por mais que Olímpico tentasse mudar Macabéa, mesmo com seus insultos era impossível Macabéa tinha sua própria identidade. Para Bauman (2005, p.09)

“Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde”.

Percebemos ainda, que o narrador vai construindo e moldando a protagonista, privando-a de que chamamos de feminino. Rodrigo a descreve pelas relações amorosas, seus defeitos, sua feiura, pelo que ele chama de “sedução” e pelo social. A nordestina é uma folha em branco, nada têm. Ao longo de toda narrativa a protagonista aparece anônima e elusiva. Maca está inserida numa miséria interior da identidade pessoal e social.

Apesar de estado de pureza em que Macabéa vivia, é como se ela fechasse os olhos para o mundo cruel e desumano a nossa volta. Maca sobrevive ileso as maldades desse universo. Perguntamo-nos se existe alguém de verdade assim? E a resposta é sim. Macabéa apenas representa milhares de mulheres que estão espalhadas mundo afora pobres e anônimas num estado humano irreal que desperta críticas.

Macabéa tem seu único momento de felicidade completa minutos antes de sua morte “Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida do futuro” (LISPECTOR, 1998 p.79). Antes de ser atropelada e morrer, de ter em fim sua “Hora da Estrela”, Macabéa passa por essa vida como imigrante, somente resistindo.

Através, de Macabéa, Lispector nos mostra o modo que também vivem milhões de mulheres diante de uma sociedade injusta e cruel, montada de preconceitos e desigualdades, a nordestina igualmente a essas mulheres vive oprimida. A moça “nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p.29).

Macabéa era simples, como a maioria das pessoas são que passam situações simples, mas são taxadas pela sociedade, pessoas essas que como a nordestina não tinham coragem de

ter esperança. A Macabéa, como milhares de mulheres, nordestinas ou não, falta à coragem de traçar seu próprio destino.

Após discutimos sobre a identidade de nossa personagem, partiremos para o olhar masculino sobre essa moça tão marginalizada.

### **3.5 O olhar masculino sobre Macabéa**

Ainda, prendendo a leitura da obra e, analisando a personagem em foco, bem como refletindo sobre os possíveis “olhares” para Macabéa, chegamos à conclusão que Clarice, para falar dessa moça, recorreu a alguém tido como preciso, alguém forte, superior, racional, como elucida Oliveira (2004), no fragmento a seguir:

Uma imagem de fases pretéritas da nossa própria sociedade por distorcida e deformada que possa ser, continua vivendo na consciência de gerações subsequentes, servindo involuntariamente como um espelho onde cada um pode ver a si mesmo. Seria ele um homem? Pertenceria ao grupo de pessoas que em qualquer ocasião sempre elege o simples em nome da eficácia, o claro em nome da certeza, o racional em nome do produto e a vontade humana contra todo o tipo de destino? (p. 38).

Sim, a autora cria um narrador como ela mesma diz com “Falso livre-arbítrio” Lispector (1998, p.13) que também é personagem. A autora precisa de um olhar forte e masculino que investigue a identidade de Macabéa, sem sentimentalismo e qualquer piedade. Acreditamos que Clarice sente a necessidade de falar de Macabéa através dos olhos de um homem, que apontaria seus maiores defeitos e há despertaria para os que ela nem sabia que tinha.

Ainda que, autora coloca: “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito ser frio, e não vos” (LISPECTOR, 1998, p.13). Assim, podemos ressaltar com essa informação que Clarice se nega a escrever diretamente sobre a vida miserável de Macabéa, isso é perceptível quando o narrador declara que: “O que escrevo é mais que uma invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares” (LISPECTOR, 1998, p.13). Talvez, por isso, escolhe a figura de um homem afirma o próprio narrador: “Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem por que escritora mulher pode lacrimejar piegas” ( LISPECTOR, 1998, p. 14)

Embora, Rodrigo se angustie, sinta medo e se comova com a escrita da narrativa como podemos observar no fragmento, “Com essa história voe me sensibilizar” (LISPECTOR, 1998, p.30), percebemos que o narrador se preocupa com cada palavra escolhida que será lapidada para poder dar forma a nordestina Macabéa. Observamos que em sua escrita transcende angústia e dor, pois Rodrigo também possui uma identidade, pois como nos assevera Kellner (2001).

A identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso, também é social e está relacionada com o outro. (...) como se a identidade de uma pessoa dependesse do reconhecimento das outras, em combinação com a validação dada por essa pessoa a identidade a esse reconhecimento (p.295).

Clarice deixa claro através, dos olhos do narrador (olhos masculinos) durante toda a obra que a história não será bonita e que ele não poupará a personagem das palavras mais cruéis e horrendas, palavras essas difíceis de serem pronunciadas por qual quer mulher que tenha o mínimo de delicadeza. “Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos” (LISPECTOR, 1998, p.16). Rodrigo revela nas entrelinhas não saber como essa narrativa terminará, e revela ser machista e grosso quando se dirige a Macabéa “Eu não sou intelectual, escrevo com o corpo” (LISPECTOR, 1998, p.16).

Durante toda a obra percebemos o narrador com certa, sede para falar de Maca, “preciso falar dessa nordestina senão sufoco” (Lispector, p.17) e usa palavras de baixo calão para se referir grosseiramente a Macabéa “Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela é como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma” (LISPECTOR, 1998, p.18).

Rodrigo se via obrigado falar dessa moça, mais para ele não era fácil fuzilar gratuitamente uma pessoa com tantas ofensas, ele precisaria se despir de qualquer gentileza e beleza como comprova o fragmento:

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. (LISPECTOR, 1998, p.20)

Apesar, dos maus tratos que Rodrigo era obrigado a ter para com Macabéa, o narrador sente pena da personagem e de tanto estar perto e acompanhá-la acaba se apaixonando pela nordestina “Sim, estou apaixonado por Macabéa, minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total, pois ela não é para ninguém” (LISPECTOR, 1998, p.68).

Já no final da trama o narrador está cansado do que tem que escrever sobre a nordestina e diz “Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte” (LISPECTOR 1998, p.70). Rodrigo já está esgotado da narrativa “Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo”.

Rodrigo se sente culpado pelo fim de Macabéa, afinal ele foi um verdadeiro instrumento usado por Clarice “Sou inocente! Não me consumam! Não sou vendável! Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha”. O narrador não se conforma e deixa a narrativa juntamente com a morte de Macabéa “O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso. Macabéa me matou”.

Clarice ironiza diretamente somente no final da narrativa quando realmente entendemos a “Hora da Estrela” que a personagem Macabéa passará. Macabéa não se dava conta da vida absurda que levava não ser ninguém, mais ser uma mulher, que sentia amor, mas não era amada.

E, foi sugestivamente essa a única maneira, que Clarice Lispector encontrou para libertar Macabéa da vida miserável e do olhar massacrante e não feminino de Rodrigo. Agora, Macabéa se livrará do mundo onde não a cabia “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 1998, p.80). Assim, Macabéa igualmente a muitas teve seus sonhos e vida roubados por uma sociedade padrão e selvagem. Em morte ela se sentiu liberta afinal só agora consegue ser enxergada pelo mundo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como refletimos no decorrer de todo trabalho, o fato que a identidade é algo bastante complexo, principalmente no que se refere à identidade feminina, haja vista que vivemos numa sociedade, que mesmo tida como evoluída, ainda nutre certos preconceitos relacionados às mulheres. Vimos na narrativa em questão a voz oprimida da personagem Macabéa, a protagonista marginalizada, a mesma que está inserida numa sociedade capitalista. A autora Clarice Lispector faz uma ampla crítica a realidade social nesta obra, em especial as mulheres, representada por Macabéa.

Percebemos no desenrolar da narrativa Macabéa vai aos poucos mostrando sua identidade feminina através da afloração de seus desejos por coisas que jamais faria na companhia da Tia beata como, por exemplo: mentir para o chefe e ficar em casa se dando ao luxo de sentir tédio, dançar em frente ao espelho e se conhecer como mulher perante o mesmo e até pintando as unhas de vermelho. Outro fator importante na construção de sua identidade é o fato de por mais estranho que fosse, Macabéa ter um namorado, com o namoro ela tinha sonhos de casar, ter uma família e por que não realizar o sonho de ser atriz de cinema.

Acreditamos, ainda que, Clarice por ter nomeado a protagonista Macabéa com tal nome pensou na história dos macabeus povo sofrido mais que perseverava e não desistia, assim como a nordestina Macabéa que resistia a vida terrível, maltratada pelos outros, mais como os macabeus ela resistia. Por mais criticada que fosse, pelo seu jeito de ser, sua roupa ou até mesmo seu mau cheiro, ela não mudava tinha sua própria identidade. Só queria ser ela mesma.

Constatamos ainda, que a autora para construir a identidade feminina da personagem necessitou de um olhar masculino representado pelo narrador Rodrigo S.M que investiga a identidade da protagonista Macabéa, sem sentimentalismo e qualquer piedade. Acreditamos que Clarice sente a necessidade de falar de Macabéa através dos olhos de um homem, que apontaria seus maiores defeitos e há despertaria para os que ela nem sabia que tinha.

Entendemos também a ironia que a autora faz somente no final da obra, quando percebemos realmente o que Clarice quer dizer quando intitula a narrativa com A Hora da Estrela, onde Macabéa reluz na hora de sua morte, tendo sido essa maneira que Clarice Lispector encontrou para libertar a protagonista da vida miserável e do olhar massacrante e não feminino de Rodrigo. Em morte, Macabéa se liberta de todas as opressões sociais, de todo olhar preconceituoso de uma sociedade medíocre. Ao morrer, Maca se sentiu liberta, afinal só agora consegue ser enxergada pelo mundo.

## 5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: estudo de teorias e história literária. 8 ed. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.

CAVALCANTI, R. **O mito de narciso**: o herói da consciência. São Paulo: Cultrix, 1992.

COUTINHO, A.(org). Evolução do Conto. In: **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul - America, 1971. V. 6.p.39-56.

GOMES, João Bosco Figueiredo; OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de; ARAÚJO, Silvano Pereira de. **Práticas linguageiras literatura e ensino**. Mossoró, RN: Edições UERN, 2011.

GOTLIB, N. B. **Os difíceis Laços de Família**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo n. 91, Nov. 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro.7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIMA, B. G. **O percurso das personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998a.

LUDWIG, Carlos Roberto. **Escritura e cultura em A hora da estrela, de Clarice Lispector**. Londrina, Vagão-volume 7, p. 41-47, set. 2011.

MARCHESANO, Sheila Cardoso. **Clarice e Macabéa: apartes discursivos da construção/desconstrução da identidade feminina em “A hora da estrela”, de Clarice Lispector**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_3/2482-2489.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2482-2489.pdf)>. Acesso em: 05 de dezembro de 2016.

MASI, Carlo Velho; AMATO, Gabriela Cruz. **A estigmatização do gênero feminino em A hora da estrela: uma reflexão criminológica acerca da violência contra a mulher**. Direito & Justiça, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 22-27, jan./jun. 2009.

MOTA, Jucilane Oliveira. **Um mergulho no feminino na obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector**. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3447/3/20210274.pdf>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2016.

NUMES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas e outras páginas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

NUNES, Kenia Almeida. **A hora da estrela: entre o masculino e o feminino**. Revista Eletrônica Inter-Legere (ISSN 1982-1662), n.13, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Denise Zimmermann; RIBEIRO, Maria José. **Personagens de Clarice Lispector e práticas sociais: A condição do ser em seu cotidiano, em contos da obra Laços de Família**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 1, n. 3, p. 239 - 259, set./dez. 2007.

OLIVEIRA, Mayra Tomaz de. **A busca da identidade feminina no romance MRS. Dalloway, de Virginia Woolf**. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3323/1/PDF%20-%20Mayra%20Tomaz%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, P.P. **A construção social e masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro; 2004

PAULINO, Jéssika Aline Lima; RODRIGUES, Linduarte Pereira. **Construção de sentidos e identidade feminina na pós-modernidade: o que dizem as tiras da Mafalda**. ANTARES, vol. 5, nº 9, jan./jun. 2013.

ROCHA-COUTINHO, M.L **Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco. (1994).

ROSENBAUM, Y. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SÁ, Marco Flávio de; JESUS, Shirley Maria de. **Macabéa, em A hora da estrela: uma reflexão sobre a importância da cidadania**. Disponível em: <<http://shirleymaria.com.br/blog/?p=264>>. Acesso em: 30 de novembro de 2016.

SILVA, Antônia Marly Moura da; SILVA, Francisco Paulo da; SANTOS, Iveraldo Oliveira dos; COSTA, Maria Edileuza da **De memória e de identidades: estudos interdisciplinares**: Campina Grande, 2010.

SILVA, Maria da Luz Duarte Leite. **Representações do narrador moderno na construção das personagens em três contos de Clarice Lispector**: Pau dos Ferros, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed.- Petrópolis, Rj: vozes,2009.

SIQUEIRA, A. **Clarice Lispector: O rio que deságua na fonte.** Ângulo/Cadernos no Centro Cultural Tereza D'Ávila. V.1, n1. Lorena SP: CCTA,1978; 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: A construção da identidade feminina.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.